

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia
Guilherme Tell Oliveira dos Reis**

Viagem no tempo: uma interpretação a partir de Bergson

Campo Grande - MS
2025

Guilherme Tell Oliveira dos Reis

Viagem no tempo: uma interpretação a partir de Bergson

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para graduação de Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos.

Campo Grande, 4 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Ronaldo José Moraca (Examinador)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Vinicius Carvalho da Silva (Examinador)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

EPÍGRAFE

“Me sinto perdido pelas névoas do tempo
Me sinto querendo sair deste momento
Memento Mori, memórias que voltam...”
TELL, Guilherme.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como propósito explorar a temática da viagem no tempo, com foco nos conceitos filosóficos propostos pelo filósofo Henri Bergson com relação ao tempo. Bergson discute a natureza do tempo e a forma com a qual ele nos é apresentado, diferenciando-se entre formas externas que estão ligadas a espacialidade e as internas que se mostram por meio da capacidade de conceber o tempo como passado, presente e futuro, enfatizando a consciência e a memória como elementos centrais nesse entendimento. Há também no texto a menção de obras de ficção científica, como *Efeito Borboleta* (2004) e *Donnie Darko* (2003), utilizando-as para ilustrar como a viagem no tempo é retratada nas cinematografias, conectando essas narrativas de ficção científica a filosofia presente em Bergson e também na suposição de que o tempo pode ser acessado sem a interferência da espacialidade. O caminho pelo qual percorremos para desenvolver este trabalho inicia-se partindo do conceito filosófico que engloba o tempo, para algo que posteriormente ampara a viagem no tempo. Percebe-se que Bergson foi o autor escolhido para nos guiarmos com relação à forma com a qual podemos entender o tempo e *Efeito Borboleta* (2004) foi escolhido para nortear os conceitos filosóficos propostos por Bergson e ir para além daquilo ao qual o filósofo desenvolveu. A metodologia ao qual foi desenvolvido este texto se baseia em descrever o conceito de tempo que está difundido na filosofia de Bergson. Por meio do capítulo 1, busca-se o argumento teórico que será utilizado para interpretar a viagem no tempo, no capítulo 2 será a forma com a qual desenvolvemos a viagem no tempo, ou melhor dizendo, a forma com a qual a viagem no tempo será interpretada, juntamente com o amparo filosófico que está presente no capítulo 1. A última parte deste texto tem como objetivo identificar uma possibilidade de viagem temporal que surge por meio do conceito de tempo abordado por Bergson.

Palavras-chave: Bergson. Consciência. Ficção Científica. Tempo.

ABSTRACT

The purpose of this final paper is to explore the theme of time travel, focusing on the philosophical concepts proposed by the philosopher Henri Bergson in relation to time. Bergson discusses the nature of time and the way in which it is presented to us, differentiating between external forms that are linked to spatiality and internal forms that are shown through the ability to conceive of time as past, present and future, emphasizing consciousness and memory as central elements in this understanding. The text also mentions science fiction works such as *The Butterfly Effect* (2004) and *Donnie Darko* (2003), using them to illustrate how time travel is portrayed in cinematography, connecting these science fiction narratives to Bergson's philosophy and also to the assumption that time can be accessed without the interference of spatiality. The path we took to develop this work begins with the philosophical concept that encompasses time, and then moves on to something that supports time travel. We realize that Bergson was the author chosen to guide us with regard to the way in which we can understand time and *The Butterfly Effect* (2004) was chosen to guide the philosophical concepts proposed by Bergson and go beyond what the philosopher developed. The methodology used to develop this text is based on describing the concept of time that is widespread in Bergson's philosophy. Chapter 1 provides the theoretical argument that will be used to interpret time travel. Chapter 2 will be the way in which we develop time travel, or rather, the way in which time travel will be interpreted, together with the philosophical support that is present in Chapter 1. The last part of this text aims to identify a possibility of time travel that arises through Bergson's concept of time.

Keywords: Bergson. Consciousness. Science Fiction. Time.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Capítulo 1: Henri Bergson, A ideia de tempo.....	10
3. Capítulo 2: O <i>Efeito Borboleta</i> e o conceito de tempo em Bergson	20
4. Considerações finais.....	28
5. Referências Bibliográficas.....	31
Apêndice.....	33

Introdução

Ao longo da história, a questão do tempo e sua definição foi debatida por diversos filósofos, como por exemplo na Grécia antiga, com os apontamentos de Platão que questionava a relação do tempo e a sua perspectiva com o Logos¹. Também vemos em Aristóteles a concepção do tempo como algo conceitual, baseando-se em um modo de divisão entre momentos. Na idade média, o tempo foi visto por São Tomás de Aquino como uma concepção de que os seres humanos são formas de passado e de presente, porém a relação com o futuro não é bem definida em sua filosofia;

Em conceber Deus como a própria imobilidade, como a própria permanência do ser, afirma categoricamente que a medida de Deus é a eternidade: Deus é a própria eternidade. Em outras palavras, Ele não tem o ser, mas é o próprio ser. O tempo é uma numeração, uma contabilidade, uma cronometragem; ele é o número desta realidade, o tempo, que foi criada por Deus. (REEGEN. 2021, p. 7).

Como percebemos, há uma grande quantidade de teorias com relação à definição do tempo na filosofia, divergindo-se entre os autores e suas perspectivas de como abordar o que seria o tempo e de como ele opera na realidade. Ao que podemos observar, a divergência causa uma confusão quanto ao modo de se chegar a uma conclusão sobre o tema, já que cada viés filosófico busca a contemplação de sua ideia e utiliza o tempo como um meio de organizar o mundo, ou melhor dizendo, o tempo sendo o responsável por dar ordem a espacialidade e vice versa.

Atualmente o tempo é concebido pela ciência, como na física ou na química, como uma forma de medida, porém a forma com a qual o tempo foi desenvolvido neste trabalho de conclusão de curso se faz por meio do filósofo Henri Bergson e sua concepção de unificar a consciência e a duração. Bergson desenvolve ao longo de sua carreira uma forma de se pensar o tempo por meio da consciência, diferenciando-se das ciências que buscam o tempo somente como medida. Utilizaremos as definições de Bergson com relação ao tempo e a forma com a qual ele age perante nós. Em Bergson é descrito que existem duas formas de se observar o tempo, sendo elas definidas como vida exterior e vida interior, sendo assim, há dois tempos,

¹ Desde o começo da Filosofia, entre os gregos, logos e tempo se cruzaram, ainda que, para muitos, de forma antagônica. Seria o tempo a impossibilidade de um logos propriamente verdadeiro? Para que o logos possa fundar episteme seria necessário superar ou elidir os fenômenos do tempo? Ou, ao contrário, o tempo e seus fenômenos seriam constituintes de toda alêtheia? (ARAÚJO, 2004, p. 8).

aquele com o qual nós conseguimos acessar por meio da nossa visão e do nosso corpo e que está entrelaçado na consciência, sendo o tempo visto por meio da espacialidade presente no mundo, denominado de vida exterior. O outro modo de se observar o tempo é por meio da vida interior, ou melhor dizendo, por meio da consciência, onde não há interferência da espacialidade, a vida interior é onde a consciência se torna capaz de unir passado, presente e futuro.

Enfim, a consciência profunda exhibe uma mobilidade que já indica a duração, o tempo real como sua estrutura íntima. Mas a compreensão desse ponto exige uma crítica da concepção convencional do tempo, que organiza a vida psíquica ordinária, substituindo-a por uma apreensão direta, imediata, da temporalidade psicológica, a qual revelará a realidade extraordinária da duração, dada somente numa intuição. (RODRIGUES, 2022, p. 31).

Para desenvolver a filosofia de Bergson com relação ao tempo e chegar ao tempo primordial, sendo ele o tempo onde não há necessidade da utilização da espacialidade para compreendê-lo, devemos nos cercar de hipóteses metafísicas, algo que Bergson não se propôs a discutir pois, segundo ele, seria impossível descrever aquilo com o qual não conseguimos ter acesso. Por meio desta percepção do tempo primordial, poderemos supor uma possibilidade para a viagem temporal, sendo assim, a viagem no tempo se torna um tópico metafísico, ao qual Bergson não desenvolveu, porém os conceitos aos quais ele define com relação ao tempo podem ser utilizados para desenvolver uma interpretação do que poderia ser o tempo primordial, sendo assim, por meio do tempo primordial podemos supor o que constitui a viagem no tempo.

A concepção de viagem temporal, ao qual foi descrita ao longo do trabalho de conclusão de curso, será introduzida primeiramente ao debater o conceito de tempo e o viés filosófico ao qual iremos seguir, mas a questão que se toma presente no primeiro capítulo que desenvolvemos é a de como compreender uma viagem temporal e como descrevê-la com o amparo dos conceitos presentes em Bergson. Iniciando pela definição, viagem é o movimento de um lugar para o outro, porém Bergson não se contenta somente com a definição de viagem e se aprofunda no significado do movimento. O movimento ao qual utilizamos está no âmbito do conceito e não na aplicabilidade da palavra, ou seja, em Bergson o movimento é o que se move e não pode ser outra coisa senão isto. O movimento está interligado a duração, assim como no espaço, pois aquilo que está no espaço, tende a se mover. Ao passo em que Bergson se aprofunda na questão de conceituar cada etapa de sua filosofia, o autor avança para

continuar a discussão sobre o tempo, percebe-se que Bergson se preocupa em manter os conceitos no âmbito linguístico.

Como veremos no capítulo 1, discutiremos a obra *A ideia de tempo* (2022), ao qual o filósofo debate os conceitos de tempo e sua forma, bem como a espacialidade e como a consciência é capaz de unificar tempo e espaço, sem que haja possibilidade de chegar ao tempo primordial, pois os seres humanos são incapazes de acessá-lo. No capítulo 2, intitulado *O Efeito Borboleta e o conceito de tempo em Bergson*, é desenvolvido o enredo de *The Butterfly Effect* (2004)² para nos nortearmos com relação a viagem no tempo. Ao introduzir alguns filmes de ficção científica que tratam sobre o tema, buscou-se em *Efeito Borboleta* (2004) uma forma similar de se compreender o tempo conforme os conceitos que Bergson tratou com relação à consciência e a duração. Por meio da relação entre Bergson e o filme, conseguimos entender o funcionamento e a causa mediadora da viagem no tempo, ou seja, por meio do filme somos capazes de simular uma compreensão das questões metafísicas presentes no “tempo primordial”, ao qual Bergson não buscou desenvolver em sua carreira. O filme trata principalmente da consciência e de como o personagem principal é capaz de acessar o “tempo primordial”. De certa forma, observa-se que há paralelos, mesmo que sutis, entre os conceitos de Bergson e o enredo do filme, permitindo então uma interpretação do que podemos chamar de viagem temporal e é com este intuito que desenvolvemos as discussões sobre o tema.

² O filme ficou traduzido com o título *Efeito Borboleta* na versão dublada.

Capítulo 1

Henri Bergson, A ideia de tempo

O conceito de tempo abordado nas aulas em que Bergson (1859-1941) ministrou entre 1901 e 1902, é a base da qual atribuirei a forma com a qual será entendido o tempo. Bergson aborda dois problemas centrais que circulam o decorrer da discussão, o do tempo e o do conhecimento intelectual. Porém é necessário expressar os conceitos e problemas que integram o tema “tempo”³ para toda a filosofia bergsoniana. Bergson incita o grande problema de toda a mecânica e da física, bem como este problema está intrínseco na filosofia, o “tempo-espaço”. “Conclusão: nas ciências, até nas mais exatas, o tempo é o movimento de um móvel considerado na sua mobilidade como o movimento. O que se mede, o que se nota, é o espaço.” (BERGSON, 2022, p. 28). Do movimento para a percepção do tempo por meio do espaço, não estamos falando do tempo, mas sim da forma com a qual o tempo age perante o espaço e como podemos utilizá-lo como forma de medida. Para a maioria das ciências, o tempo se torna somente forma de medida no sentido de medição de um movimento percorrido pelo espaço.

Com a publicação da Teoria da Relatividade Geral, de 1915, proposta por Einstein (1879-1955), que se baseia na ideia de que o tempo é considerado como tempo-espaço, acabou por se concretizar ainda mais com o passar dos anos. O espaço-tempo seria a forma com a qual concebemos o tempo, ou melhor dizendo, uma junção dos conceitos de tempo e de espaço sem desenvolver unicamente o conceito de tempo. A explicação do fenômeno gravitacional do universo seria feita pela teoria da relatividade geral, pois esse fenômeno se apresenta pela interação entre tempo, espaço e matéria. Este ponto de vista de observar o tempo como uma interação simultânea entre tempo e espaço se apresenta desde a antiguidade e se perpetua na filosofia, um exemplo desta influência da interação simultânea está em Kant (1724-1804)⁴. Bergson, ao formular um novo ponto de vista de como compreender o tempo, tenta se distanciar dessas noções de tempo-espaço, criando uma nova concepção que se baseia na memória e na consciência.

Bergson pensa que Kant confundiu espaço e tempo em uma mistura, com o resultado de que devemos conceber a ação humana como determinada pela causalidade natural. Bergson oferece uma resposta dupla. Por um lado, para

³ A utilização da palavra tempo como conceito metafísico, ao qual não somos capazes de acessar sua forma primordial.

⁴ KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

definir a consciência e, portanto, a liberdade, Bergson propõe diferenciar entre tempo e espaço, "desmisturá-los", poderíamos dizer.⁵ (LAWLOR, 2022).

Para Bergson, um dos erros que a ciência cometeu está em introduzir o conceito de espaço no tempo, “O segundo ponto é o mais grave. O segundo erro consiste em transportar para o tempo todos os atributos do espaço.” (BERGSON, 2022, p. 30). Para descrever melhor essa ideia, o autor diz que há diferentes tempos, mas nós focamos em tentar trazer as concepções do tempo para o mundo físico, sendo que o tempo está na metafísica. O mundo físico está contido no espaço, portanto é necessário esclarecer a noção de espaço, que consiste em dizer que a natureza dos objetos físicos independe de sua grandeza, mas se nos afastamos ou nos aproximamos, ele é capaz de mudar de tamanho, ou seja, a espacialidade é variável conforme nossa percepção. Essa noção coloca em questão um argumento que Bergson usa para defender a sua compreensão de tempo por meio do espaço, que consiste em dizer que quando nos afastamos ou nos aproximamos de um ponto, “Este ponto tem memória, pois consciência significa memória”. (BERGSON, 2022, p. 32). A memória, ou consciência, está presente em quem observa o objeto em questão, se afastando ou se aproximando do mesmo, ou seja, se faz aqui uma questão de dois sentidos, da consciência e do movimento.

Da terceira até a quinta aula do livro *A ideia de tempo* (2022), Bergson desenvolve as concepções da consciência e do movimento. A consciência está presente em todo o decorrer da existência como sendo a responsável por relacionar os fatos que ocorrem durante a vida, uma junção de duração que é mediada pela intervenção contínua da memória, capaz de tornar os momentos mais intensos do que a realidade. A concepção de movimento para Bergson é mais complexa, pois há um problema com relação à abrangência deste termo por meio da linguagem. O movimento pode ser interpretado por duas formas filosóficas: senso comum, que se constitui em tornar uma certeza hipotética mediada por outros autores, e a outra forma filosófica de abordar a concepção de movimento seria a matemática, aquela que é capaz de suprimir o termo movimento somente em sua área. Quando falamos de movimento, buscamos o conceito e não a sua aplicabilidade matemática, em outras palavras, a matemática é capaz de calcular o movimento e ao mesmo tempo unir diversos movimentos ou até mesmo decompô-lo em diversos outros movimentos menores, porém a matemática é incapaz de aplicar ao movimento o seu âmbito metafísico:

⁵ Bergson thinks that Kant has confused space and time in a mixture, with the result that we must conceive human action as determined by natural causality. Bergson offers a twofold response. On the one hand, in order to define consciousness and therefore freedom, Bergson proposes to differentiate between time and space, “to un-mix” them, we might say.

Dissemos que é preciso considerar todo movimento como algo individual, mas eu disse que essa ideia pode parecer paradoxal e que é extremamente difícil imaginar o movimento sob esse aspecto. O espaço é divisível. O movimento se realiza ao longo desse espaço. Parece, então, que ele pode ser divisível como o espaço. Há aí uma ilusão. É verdade que podemos imaginar paradas ideias, mas esses pontos são mobilidades. O movimento por hipótese é móvel. (BERGSON, 2022, p. 47).

Bergson ao dizer que um movimento é indivisível, pois na sua essência o movimento é o que se faz móvel, coloca em questão a imobilidade de um objeto, ou seja, só a possibilidade de movimento ao passo em que o mesmo está se movendo, enquanto durar esse movimento. Essa ideia sobre o movimento é aplicada como uma possível solução do paradoxo de Zenão e vai contra a ideia de Zenão de Eleia sobre a qual consiste em dizer que “é absurdo supor que o movimento seja arbitrariamente divisível” (BERGSON, 2022, p. 48). A ideia central de Zenão ao dizer sobre a indivisibilidade do movimento foi a de que o movimento não existe, mas para Bergson o movimento se faz por questão conceitual e desse modo é possível uma solução para o paradoxo de Zenão com relação ao movimento.

Ligada à ideia do movimento, há uma necessidade enquanto se entende por movimento dizer qual é a aplicabilidade do espaço. O espaço seria composto por objetos dados no mundo, ou melhor dizendo, o espaço é aquilo em que o mundo se situa e o movimento seria a forma com a qual os objetos interagem no espaço. Para que haja essa interação entre movimento e espaço é necessário que exista uma duração. A questão que se toma desse pressuposto é a de que se há necessidade de duração espacial, como poderíamos experienciar o tempo sem o espaço e ver no âmbito metafísico a questão da duração com relação ao tempo? A duração se situa entre espaço e tempo, porém há um ponto importante aqui, na duração ocorre o mesmo que ocorre com o movimento, o problema da aplicabilidade deste conceito. Assim como no movimento não há possibilidade de divisão por ser móvel, na duração não há instantes no tempo, pois a duração seria aquilo que dura, ou melhor dizendo, aquilo que se perdura perante o tempo. A duração que é aplicada ao tempo diz respeito não somente aos momentos que duram, mas também ocorre um óbice presente nesta conclusão, se a duração é, por definição, o que dura, como podemos compreender passado, presente e futuro? A resposta desta questão está na nossa mente, ou consciência, temos necessidade de fixação, ou seja, pontos de memórias para se entender perante o mundo, caso contrário seria uma desordem temporal que viveríamos. Assim como buscamos o tempo, em primeiro momento, como forma de medida, buscamos a duração como pontos que necessitamos para fixar, pontos esses que se entendem como passado, presente e futuro.

Franklin Leopoldo da Silva descreve a forma a qual Bergson atribui o tempo, mas ao buscar a concepção de tempo na obra de Bergson, também discute a relação do tempo com outros filósofos, um exemplo seria definição que Aristóteles aplicou ao tempo:

Este, nos diz Aristóteles, “é o número do movimento, segundo o antes e o depois”. Essa definição célebre, que se encontra no quarto livro da *Metafísica*, nos leva a entender que o tempo é um modo de divisão e articulação da realidade em instantes, que são anteriores e posteriores. Assim aparece para nós a sequência das dimensões temporais, passado, presente e futuro. (SILVA, 2009, p. 4).

Ao citar essa passagem sobre a definição do que se entende como tempo, percebemos que há uma distinção entre o pensamento de Aristóteles e de Bergson. Aristóteles aplica o conceito de duração ao tempo. Em Bergson, por outro lado, há uma falha referente a essa definição que Aristóteles não havia abordado, “seu caráter problemático deriva de que ele parece incluir em si mesmo as dimensões do ser e do não-ser, o passado que já não é, o futuro que não é ainda.” (SILVA, 2009, p. 5). Bergson percebe que há uma relação entre consciência e tempo, pois a memória é capaz de retornar em certos pontos que já ocorreram, ou seja, a memória é capaz de fragmentar a duração, sem perder sua essência. Concomitantemente a memória é capaz de criar expectativa com relação ao futuro por meio da recordação do passado. O apontamento do professor Franklin seria o de que Aristóteles não aborda essa dependência que o tempo tem com a consciência. Bergson, ao definir essa necessidade temporal com relação à consciência, também revela um importante dado: “O movimento que conhecemos melhor, o único talvez, é o nosso próprio movimento.” (BERGSON, 2022, p. 57). A duração e o movimento estão interligados, assim como o espaço está para o tempo, mas ao introduzir a consciência na duração, Bergson deixa de utilizar o símbolo da duração, ou seja, deixa de se referir ao movimento. Ao concluir essa argumentação, é possível supor que duração e consciência seriam a mesma coisa.

Ao iniciar a oitava aula, Bergson relata a importância da vida psicológica⁶, assim como a importância da consciência em todo o decorrer de nossa vida. O exemplo utilizado na sétima aula, que tem como tema principal “a duração enquanto desenrolar da nossa própria consciência” (BERGSON, 2022, p. 65). O autor coloca em questão a relação de como percebemos o passar de um ano de modo diferente por meio da velhice. No decorrer de nossa vida experimentamos muitos momentos que se tornam emblemáticos, como se fossem memórias centrais, mas ao passar dos anos não há mais uma fixação da memória com relação aos acontecimentos que ocorrem, que por sua vez geram o esquecimento de vários momentos.

⁶ “Vida psicológica” para Bergson seria como o autor se refere à consciência.

As experiências vividas anteriormente causam uma redução na importância dos acontecimentos presentes, ou melhor dizendo, o motivo pelo qual na velhice um ano possa parecer que passe mais “rápido” do que os anteriores é porque não há muitas experiências novas às quais a memória possa se fixar.

Voltando à oitava aula, Bergson estende-se com relação a definição da vida psicológica, onde por conclusão, chega ao ponto principal que interliga a ideia de passado, presente e futuro. As condições que fundamentam a vida psicológica são as mesmas que conseguem se distanciar entre passado e presente, pois aqui se funda a ideia de um “eu” capaz de recordar memórias passadas, ou planejar momentos futuros, mas a vida psicológica se faz a partir do presente.

Ao passo em que a vida psicológica se desenvolve no decorrer do tema com relação ao tempo, há uma separação que é feita pelo autor com relação a forma como a consciência interage com o mundo. Geralmente pensamos que se há uma consciência, ou vida interior, supostamente seria necessário que exista uma realidade exterior. Na vida exterior é onde ocorre todo o desenrolar da consciência, sendo assim, a realidade exterior seria a espacialidade como a conhecemos, portanto há uma correlação entre o interior e o exterior. A realidade exterior pode presenciar a imobilidade por alguns instantes, mas a vida psicológica é contínua, ou seja, é condicionada ao movimento. Mesmo quando, por meio da consciência, pensarmos em algum momento específico, tentando fixá-lo, há uma impossibilidade, pois com a tentativa de fixação ocorre uma continuidade. “Querer apreender as partes de nossa vida [psicológica] é uma quase impossibilidade: “mas valeria agarrar um pião para estudar seu movimento”. A consciência, apenas por retornar ao que há de móvel na vida [psicológica], tende a destruir a mobilidade.” (BERGSON, 2022, p. 76).

Então como poderíamos descrever o tempo para Bergson? Segundo Jonas Gonçalves: “Bergson, algumas vezes, define o tempo como uma “continuidade indivisa de mudança heterogênea”. (COELHO, 2004, p. 8). Uma transformação ininterrupta da vida física e psíquica, a forma com a qual observamos o tempo dividido por esses dois vieses são totalmente distintas. O tempo que nós experienciamos é instantâneo, pois os momentos não duram, mas se efetuam no presente, ou seja, o movimento nada mais é do que a continuidade instantânea vista pelo exterior. Sendo assim, o tempo observado seria a multiplicidade de movimentos que ocorrem por meio de um fio psicológico, em outras palavras, a nossa consciência é a responsável por interligar os movimentos que ocorrem simultaneamente. A consciência, por meio do entendimento, é capaz de recordar os instantes que se tornaram passado, mas ao realizar o ato de recordar, essas memórias são compostas por pensamentos

que estão no presente. Essa é a forma com a qual a consciência consegue se prender a um instante que passou:

Daí resulta que toda tentativa de recomposição da sucessão psicológica pela inteligência é artificial e isso porque, por meio da abstração e da análise, o máximo que se consegue é constituir estados psíquicos mais ou menos independentes, como se eles fossem partes da consciência, como se ela tivesse partes. Seria como tentar reconstituir um poema a partir das letras que entram em sua composição e estão misturadas ao acaso. (COELHO, 2004, p. 6).

Percebemos o tempo entre o real e o fictício, a distinção entres ambos se encontra no modo com a qual podemos vivenciá-los. Enquanto o tempo fictício é o tempo em que as ciências se aderem, ou seja, um tempo ideal, fundamentado e utilizado pela matemática e pela física como forma de medida a se orientar perante o mundo, ou seja, um tipo de medida, que não se atém ao fato de que existe o passado, presente e futuro, a não ser que seja essencial para o cálculo, o tempo real se sobressai dessa premissa sob o qual o fictício está envolto. “O tempo pulveriza-se e o psíquico começaria e recomeçaria a cada instante.” (COELHO, 2004, p. 6). O psíquico seria a forma com a qual a mente é capaz de organizar passado, presente e futuro, uma reconstrução, ou melhor dizendo, um recomeço de instantes que ocorreram, porém, esses instantes sofrem interferência da consciência. O tempo real tem como propriedades fundamentais “a sucessão, a continuidade, a mudança, a memória e a criação.” (COELHO, 2004, p. 6). Sendo essas propriedades a base para o tempo real, a sucessão se torna responsável por organizar em nossa consciência os acontecimentos.

Bergson fundamenta seu argumento está em dizer que há diferentes formas de se observar o tempo, ou seja, existe mais de um fluxo possível, cada pessoa é capaz de recordar um momento em que vivenciou, porém, por meio de sua consciência, esses momentos sofrem alterações e se desdobram conforme a vida interior é tecida. Enfim, “Que para resumir, não há um só tempo, há diferentes fluxos, diferentes durações, diferentes desenrolamentos no tempo, múltiplas durações. Este é o primeiro ponto” (BERGSON, 2022, p. 110). O segundo ponto, em que Bergson foca ao descrever a forma do tempo, consiste em dizer que esse desvelamento que buscamos alcançar, ou seja, a procura pela essência do tempo não é natural, não somos capazes de chegar a essa essência por meios convencionais. Essa busca pelo âmago do tempo é difícil porque a própria forma com a qual o tempo nos é apresentado se torna um obstáculo quando procuramos nos aprofundar em sua fundamentação. Não há algo que diferencie um momento no tempo de outro, sendo assim, não há possibilidade de distinguir os diferentes fluxos, pois eles nos são apresentados de formas idênticas;

Dissemos que não há uma duração, uma duração única, mas tantas quanto as que existem e que podemos imaginar consciências com ritmos diferentes, com uma vida mais ou menos rica, desenrolando-se, florescendo, vivendo seu conteúdo de alguma maneira. (BERGSON, 2022, p. 111).

Com base na ideia de diferentes fluxos podemos supor que não somente o tempo que é visto pelos humanos se torna uma distinção por meio da subjetividade de cada pessoa, mas é possível perceber que até nos insetos a duração é vista de forma singular. As moscas, por exemplo, observam os movimentos de uma forma totalmente diferente dos humanos, por meio da frequência crítica da fusão de luz vacilante⁷, que seria a forma com a qual o cérebro é capaz de captar e processar as imagens, sendo assim, até quando se observa a forma como a duração é desenvolvida em outros seres vivos, ela se diferencia dos humanos. Além da frequência crítica da fusão de luz vacilante, também há a forma com a qual o olho de uma mosca é formado.⁸

A consciência humana é responsável por dar forma às memórias, mas não somente nas memórias, a duração de um acontecimento presente também sofre alterações conforme é vista pela subjetividade dos seres vivos. A consciência que conseguimos determinar e descrever é somente a humana, mas a forma física com a qual os conceitos que passam pela consciência podem ser analisados em outras espécies se distingue ainda mais do ser humano.

O tempo e a consciência se interpõem por meio do véu do espaço. O espaço é a forma com a qual temos acesso ao tempo em sua essência, porém sempre sofre alterações por meio da mediação que ocorre ao transcrever o tempo ao espaço. “Mas, enfim, não é a duração; na realidade, é o espaço com algo dessa mobilidade que é a essência da duração nele introduzida, apenas o suficiente para que ele possa servir de equivalente prático do tempo.” (BERGSON, 2022, p. 113). Ao concluir que a espacialidade nunca seria capaz de alcançar a essência do tempo, Bergson diz que devemos procurar na metafísica uma solução para esse problema. A partir do conceito, que existe essencialmente na nossa mente, devemos buscar a resposta para descrever do que se trata o tempo em sua forma metafísica. O significado de conceito de tempo tratado por Bergson consiste em “uma representação da mente, portanto, um estado intelectual e, conseqüentemente, estado do âmbito do estudo psicológico” (BERGSON, 2022, p. 122). A metafísica se faz necessária a partir da ideia de que a representação de um conceito,

⁷Artigo originalmente postado no site da BBC News Brasil.

⁸ Uma mosca doméstica tem olhos compostos, formados por mais de 3 mil minúsculas estruturas chamadas *omátides*. Eles fornecem quase 360 graus de visão periférica. Além disso, ela possui uma grande quantidade de sensores espalhados pelo corpo que detectam perturbações na atmosfera circundante e na superfície em que está apoiada. Por fim, as moscas enxergam cerca de 250 frames por segundo (um ser humano fica em aproximadamente 24). (RICCARDI, 2021, p. 3).

partindo da mente, é capaz de descrever a forma com a qual o tempo é desenvolvido em sua forma pura.

Segundo Stephen Mumford, durante alguns séculos houve dois métodos de se debater o tempo segundo a metafísica. O primeiro método é seguir uma lógica de temporalidade, ou seja, pensar no passado com o qual um evento ocorre e se esse evento tem uma correlação entre as pessoas da época e eu ao pensar no evento, conforme ele ocorreu na época, era o presente daqueles que estavam vivos, mas para mim é somente o passado:

Existe uma visão que ainda tem algum respeito, na qual eventos têm propriedades temporais de algum tipo. O assassinato de Lincoln tem a propriedade de ser passado. Vários eventos têm a propriedade de serem presentes, como o evento de você ler esta frase (e pense em todos os outros eventos que estão acontecendo enquanto você está lendo). Muitos eventos têm a propriedade de serem futuros, uma propriedade que pode ser chamada de “futuridade”. A Copa do Mundo de Futebol no Catar, a próxima eleição geral do Reino Unido, o eclipse solar de 21 de setembro de 2025 e a população humana da Terra atingindo oito bilhões são todos exemplos, tanto quanto se pode dizer em 2012. (MUMFORD, 2012, p. 78).

Com base nessa temporalidade, primeiro observamos os eventos no futuro, depois presente, logo em seguida se tornam passado e, é claro, que essa é a forma com a qual ocorre um evento visto pela nossa individualidade. Ocorre uma singularidade entre o futuro e o passado, pois o futuro eventualmente se torna passado, e o passado é passível de se tornar um passado-futuro. Então a essência do tempo segundo essa vertente metafísica está no presente; “Existe uma visão de que apenas o presente é real; chama-se isso de forma apropriada de *presentismo*.”(MUMFORD, 2012, p. 80). O presentismo se encontra em contradição quando se coloca como contraposto a teoria da relatividade, ou seja, o presente não pode ser a representação de tempo, pois nem tudo que ocorre no presente em que vivenciamos, realmente é instantâneo.

A outra forma com a qual a metafísica observa o tempo consiste em desenvolver a ideia de passado e presente, que essencialmente é a relação do passado e como os acontecimentos passados são capazes de influenciar o presente, mesmo eles não sendo parte do presente. O passado não é capaz de ser o presente, mas tem a função de ser parte da realidade que constitui o presente. Baseado nesta concepção, somos capazes de compreender que a nossa memória é responsável por constituir a nossa realidade, porque com as memórias que adquirimos ao decorrer da vida, fazemos escolhas que afetam diretamente o presente. O presente tem características de memórias passadas, ou melhor dizendo, o presente vivido por

nós é constituído por momentos em que já vivenciamos e tentamos seguir a mesma linha de raciocínio.

Bergson ao tratar sobre a duração do conceito e se o conceito é capaz de suprir o tempo, debate esses dois modos de se observar o tempo segundo Munford. A ideia de concepção e percepção se torna tema desta discussão metafísica, porque segundo Bergson a percepção recai sobre o indivíduo e a concepção recai sobre o geral. A ideia de presentismo seria a percepção, enquanto a concepção estaria relacionada ao passado presente. Ao descrever sobre a percepção e a concepção, Bergson retoma a ideia da essência do tempo, que está em dizer a aplicabilidade do conceito:

Chegamos a uma conclusão, senhores, que deverá ser respaldada por outras considerações, mas eu a formulei imediatamente: o conceito tem, ou parece ter, antes de tudo, um papel prático; o conceito parece primordialmente destinado a fornecer pontos de referências, pontos de apoio para nossa ação no tempo” (BERGSON, 2022, p. 143).

A partir deste momento do texto, Bergson modifica a discussão com relação a metafísica do tempo para o problema da linguagem e sua relação com a aplicabilidade da palavra, ou seja, Bergson se utiliza da linguagem para dar continuidade ao tema. É necessário entender que sua escolha por mudar a maneira com a qual abordou o tema se deve ao fato de que o autor não quis ir para além daquilo ao qual ele é capaz de pensar. Para discutirmos o que seria ir além daquilo que Bergson considera impossível de se chegar, utilizaremos como exemplo a viagem no tempo, que engloba diversos problemas, tanto físicos, quanto metafísicos, mas afinal, o que podemos considerar ser a viagem no tempo? Segundo a definição de Lewis:

O que é viagem no tempo? Inevitavelmente, envolve uma discrepância entre tempo e tempo. Qualquer viajante parte e então chega ao seu destino; o tempo decorrido entre a partida e a chegada... é a duração da viagem. Mas se ele é um viajante do tempo, a diferença de tempo entre a partida e a chegada não é igual à duração de sua viagem... Como pode ser que os mesmos dois eventos, sua partida e sua chegada, estejam separados por duas quantidades desiguais de tempo?... Respondo distinguindo o próprio tempo, tempo externo, como também o chamarei, do tempo pessoal de um viajante do tempo em particular: aproximadamente, aquele que é medido por seu relógio de pulso. Sua viagem leva uma hora de seu tempo pessoal, digamos... Mas a chegada é mais de uma hora após a partida em tempo externo, se ele viaja em direção ao futuro; ou a chegada é anterior à partida em tempo externo... se ele viaja em direção ao passado.⁹ (LEWIS, 1976, p. 1).

⁹ What is time travel? Inevitably, it involves a discrepancy between time and time. Any traveller departs and then arrives at his destination; the time elapsed from departure to arrival... is the duration of the journey. But if he is a time traveller, the separation in time between departure and arrival does not equal the duration of his journey... How can it be that the same two events, his departure and his arrival, are separated by two unequal amounts of time?... I reply by distinguishing time itself, external time as I shall also call it, from the personal

Ao longo da história na filosofia, percebe-se que há uma tendência em definir do que se trata o tempo. Lewis vai além e define o que seria a viagem no tempo, percebe que há diversos questionamentos com relação a este problema, como por exemplo a simultaneidade quando uma pessoa se desloca de um lugar do tempo para outro, porém o que devemos nos ater é na afirmação dele em dizer que para um viajante no tempo há dois modos de se observar o tempo, o tempo interno e o tempo externo, ou seja, a consciência do viajante no tempo é o que diferencia a realidade a qual ele está vinculado. No próximo capítulo deste trabalho, desenvolvemos as possíveis formas a qual a viagem no tempo pode ser interpretada e como podemos utilizar das concepções e dos conceitos trabalhados por Bergson para ir além daquilo ao qual o autor se propôs a discutir. A utilização de filmes será o amparo teórico para compreender a viagem temporal e o modo ao qual ela deverá ser interpretada com o auxílio de Bergson.

time of a particular time traveller: roughly, that which is measured by his wristwatch. His journey takes an hour of his personal time, let us say...But the arrival is more than an hour after the departure in external time, if he travels toward the future; or the arrival is before the departure in external time...if he travels toward the past.

Capítulo 2

O “*Efeito Borboleta*” e o conceito de tempo em Bergson

Efeito borboleta (2004)¹⁰ é uma obra de ficção científica baseada na complexidade da vida de Evan Treborn, porém as questões com relação ao drama que ocorrem ao longo do filme podem ser esquecidas quando se trata da forma com a qual o filme aborda a viagem no tempo. A viagem no tempo desenvolvida pelos diretores Eric Bress e J. Mackye Gruber nos apresentam a possibilidade de fazer uma relação entre Bergson e o filme *Efeito Borboleta* (2004). Evan Treborn, interpretado por Ashton Kutcher, ao longo de sua infância, teve lapsos de memória que ocorreram em momentos traumatizantes para ele, porém ele não era capaz de se lembrar. Os mesmos lapsos aconteceram com seu pai que foi internado em um sanatório. Evan ao chegar na vida adulta e ingressar na faculdade de psicologia, tenta desenvolver uma nova forma de se observar a memória. No diálogo a seguir é observado essa fixação de Evan com relação à memória: “Professor Carter: Ainda planeja mudar o modo como nós, humildes cientistas, entendemos a memória? Evan: Eu não tenho escolha.” (00:25:44). A forma com a qual o personagem principal busca esse modo de entender a memória é através das minhocas, porque ele acredita que se conseguir compreender a memória das minhocas, ele entenderá como a mente humana funciona.

Ao ler o diário em que escrevia desde os nove anos, Evan volta no tempo. O filme nos oferece a ideia de que ao recordar uma memória, a sua consciência se conecta com o seu passado e o personagem principal consegue retornar ao momento em que os lapsos acontecem. Ao vivenciar de forma nítida o trauma que ocorreu no ferro velho, em que seu cachorro foi morto por Tommy Miller, interpretado por Cameron Bright, Evan busca por respostas, porque antes daquele momento ele não era capaz de lembrar do que se sucedeu no ferro velho. Evan recorre aos seus diários em busca de uma forma de lembrar os outros lapsos que ocorreram em sua infância. Ao voltar para o momento em que seus amigos explodiram uma dinamite, ocasionando a morte de uma mulher e seu filho (00:36:01), Evan se queima com o cigarro e quando retorna para o presente, percebe que a marca da queimadura estava em seu corpo. Ou seja, o que acontece quando ele volta para os momentos esquecidos em sua vida afetam o seu presente. Ao investigar mais sobre seu pai e seu passado, Evan questiona sua mãe e procura por respostas: “Evan Treborn: Alguma vez ele disse que descobriu como recuperar a memória perdida anos depois das perdas de memória?” (00:37:24). A mãe de

¹⁰ *Efeito Borboleta* (2004), dirigido por Eric Bress e J. Mackye Gruber, é um *thriller* psicológico que acompanha Evan Treborn, um jovem que descobre ser capaz de voltar no tempo e alterar eventos traumáticos de sua infância. No entanto, cada mudança no passado provoca consequências imprevisíveis no presente.

Evan diz que quando seu pai tinha exatamente a idade que ele tem agora, Jason Treborn, interpretado por Callum Keith Rennie, tinha descoberto uma maneira de retornar ao passado, porém ela acha que era uma alucinação de seu pai.

Ao longo dessa introdução sobre a forma com a qual a viagem no tempo ocorre no filme, é mostrado que a mente humana, juntamente com a memória, é capaz de interligar o passado e o presente. Evan só pode recordar os lapsos de sua infância porque seu pai tinha o mesmo “dom”, mas não é somente isso que intriga o personagem. A trama gira em torno da forma com a qual ele tenta reverter os problemas que são ocasionados ao longo do filme e diminuir as alterações que ele causa na linha do tempo¹¹.

Depois da conversa que Evan teve sobre seu pai, ele foi atrás da sua paixão de infância, Kayleigh Miller, em busca de respostas sobre os abusos que sofreu quando era criança. Ao chegar em casa, Evan recebe uma ligação de Tommy: “Tommy Miller: O que você falou pra minha irmã, hein desgraçado? Ontem ela me ligou e ficou chorando por mais de uma hora, ela disse que você foi lá vê-la ontem. Ela se matou hoje à noite, ela tá morta, você também!”(00:44:42). A partir desse momento, o filme aborda todas as vezes em que Evan tenta mudar seu presente, uma forma de se redimir pelo que fez, mas isso causa graves consequências. A primeira vez em que ele realmente interferiu no passado foi quando voltou para o dia em que foi abusado pelo pai da Kayleigh e de Tommy. Ao viajar para o momento em que os abusos aconteceram, Evan se deparou com seu corpo no seu estado de criança, mas sua consciência era de um adulto que já sabia o que iria acontecer. A consciência retratada no filme parece ser capaz de transcender a questão espacial, ou seja, a partir do momento em que Evan é capaz de voltar no tempo, somente a consciência volta, mas as consequências de seus atos perduram no presente, ocasionando alterações que causam mais sofrimento para ele e para aqueles que ele ama.

A ideia de que a consciência seja capaz de voltar no tempo é a base com a qual a viagem temporal pode ser vista filosoficamente. Com a interpretação de Bergson com relação ao tempo, referente a diferenciação das concepções de espaço e de tempo, percebemos pela realidade que não seria possível a viagem temporal, muito menos seria passível de ser pensada. Entretanto, com a ideia de que a mente é capaz de retornar ao passado, surge a possibilidade de se pensar a viagem no tempo. Comparando as cenas que surgem no filme, juntamente com uma interpretação mais flexível do que Bergson define com relação à forma com a qual o tempo opera, percebe-se que o paralelo cinematográfico seja a aproximação que

¹¹ A linha do tempo se refere às realidades em que Evan acaba criando ao viajar no tempo, sendo capaz de alterar o presente, porém lembrando de todas as outras linhas do tempo em que ele vivenciou.

faltava para se entender o tempo primeiro. O tempo primordial, seria o tempo metafísico, aquele que se baseia na consciência e que, por causa do espaço, não somos capazes de acessar.

Pode-se dizer que a viagem no tempo é impossível até o momento, porém a questão que se coloca presente é de apresentar uma ênfase no fato de que o filme conseguiu abstrair uma forma de explicar sua proposta sem que sobrepusesse às leis da física além do que era necessário¹². Filmes como *Projeto Almanaque* (2015), *O Predestinado* (2014), *De Volta para o Futuro* (1985) entre muitos outros, desenvolveram no seu enredo uma forma própria de voltar no tempo, porém a maioria deles utilizaram uma explicação grotesca de como tratar do tempo, sem dar a devida atenção aos mínimos detalhes. Um exemplo de que os filmes genéricos de ficção científica que tratam da viagem temporal não se preocupam em obedecer a nenhuma lei da física é evidente quando se pensa na forma com a qual é tratado os viajantes do tempo.

Primeiramente é necessário que haja um deslocamento, partículas desaparecendo de um lugar e aparecendo em outro, claro que essa viagem, além de ser uma espécie de teletransporte, ocorre em momentos diferentes. Sendo assim, ficariam lacunas a serem respondidas nessa linha de raciocínio referente a viagem no tempo, como por exemplo, o que acontece com as partículas quando a pessoa some de um lugar e reaparece em outro? Ou até mesmo o questionamento sobre como ocorre no paradoxo do navio de Teseu, que estipula que:

O navio de Teseu passou por inúmeras e constantes reformas, de modo que todas as peças haviam sido substituídas por novas. Tal fato ensejou o chamado “paradoxo do navio de Teseu”, aporia acerca da continuidade, propriedade e permanência de algo que tem constantemente suas peças substituídas, alteradas, modificadas. A grande questão que há muito intriga filósofos clássicos e modernos reside em saber se a alteração de todas as partes implica ou não a permanência da essência original do todo. (GONÇALVES, 2024, p. 1).

A questão que pode se retirar desta comparação seria a de que com a viagem no tempo que ocorre em outros filmes citados anteriormente, ao se teletransportar para outro local, suas partículas seriam levadas de um ponto no espaço para outro, porém ao reconstruí-las, seria a mesma pessoa? Com a suposta desconstrução de partículas, ou substituição daquilo que constitui a pessoa, a reconstrução gera uma nova pessoa ou seria a mesma? Ao se perguntar pequenos detalhes sobre o enredo dos filmes, percebe-se a incongruência e o principal, os

¹² A palavra Necessário utilizada aqui se refere a diferenciação no fato de que não foi escolhido uma ideia de criação de máquina do tempo, só utilizarão o próprio corpo humano para se explicar a viagem no tempo, e isso diferencia Efeito Borboleta de outros filmes sob o mesmo tema.

filmes em sua maioria são feitos para entretenimento e unicamente para este propósito. Entretanto, a delicadeza com que os diretores e roteiristas de *Efeito Borboleta* (2004) tiveram ao tratarem do tempo se sobressai com relação aos outros filmes do mesmo gênero de ficção científica.

Outro filme, *Donnie Darko* (2001), dirigido por Richard Kelly, também seria um exemplo de filme capaz de se pensar a viagem no tempo. As questões e os argumentos que são colocados ao longo do filme e que, somente por causa deles, o personagem principal é capaz de voltar no tempo, possibilitaria desenvolver uma ideia do que se refere a viagem temporal, porém a complexidade e a falta de informações que o diretor do filme deixou sem abordar, não é o suficiente para que sejam debatidos os conceitos com relação ao tempo. A filosofia da viagem no tempo de Roberta Sparrow¹³, livro que está presente dentro do filme *Donnie Darko* (2001) e que foi escrito exclusivamente para o filme, consegue instigar uma relação entre a filosofia e a viagem no tempo. É interessante pensar que seja possível uma filosofia para a reflexão da viagem no tempo, mesmo que a palavra filosofia tenha sido usada de forma equivocada no título do livro.

Assim, há vários filmes de ficção científica baseados na ideia da viagem temporal. Entretanto, *Efeito Borboleta* (2004) se aproxima da realidade no que refere ao conceito de tempo quando observamos a questão da memória: esse é o cerne sobre a questão da viagem no tempo. A consciência é o tema principal no decorrer do filme, pois há ligações sutis entre a ideia de tempo para Bergson e *Efeito Borboleta* (2004), quando vemos que é possível abstrair uma demonstração do que Bergson desenvolve em sua filosofia com relação à memória e a forma com a qual o tempo é compreendido. Não podemos afirmar que o filme segue a lógica desenvolvida pelo filósofo, muito menos que o filme se pretende ser uma filosofia conceitual rígida, mas os pequenos pontos de ligação em que podemos nos apoiar, servem como uma base para compreender como seria uma viagem no tempo por meio da consciência.

Bergson admite que a consciência, ou memória, é aquilo com a qual conseguimos compreender o mundo e observar o tempo que nos é dado e que somente por meio da metafísica conseguiríamos observar a realidade do tempo em sua forma primordial, sem a interferência do espaço; porém somos incapazes de chegar a essa realidade. O filme nos mostra que a viagem no tempo é capaz de alterar o passado, ocasionando um presente

¹³ Este texto entrelaça misticismo e magia que são compreendidos somente dentro do filme e que com a compreensão deles, *Donnie Darko* é capaz de viajar no tempo. Ver apêndice no final do texto compreende a forma com a qual é desenvolvida a viagem no tempo dentro do filme.

totalmente diferente. Ao que tudo indica, Evan e seu pai são os únicos que conseguem fazer essas alterações, mas não é explicado a causa deste “dom” que os dois possuem¹⁴.

Efeito borboleta (2004) parece conceber o que Bergson denomina como “subir novamente a encosta da natureza”:

“Acrescentamos - segundo ponto, tão importante para nós quanto o primeiro - que o esforço pelo qual conseguimos liberar essa duração, libertá-la em estado puro, apreende-la tal como ela é originalmente, que esse esforço é doloroso. Trata-se, por assim dizer, de um esforço para subir novamente a encosta da natureza. Não é natural, não está de acordo com a natureza apreender o tempo, percebê-lo sob essa forma.” (BERGSON, 2022, p. 110).

A apreensão da duração interpretada no filme estaria presente quando Evan consegue recordar seus lapsos de memória e, acontece quando ele é capaz de viajar no tempo. Evan está vendo a duração na sua forma pura, por meio da consciência, sendo capaz de regressar ao passado e alterar o presente, pois ele tem o domínio da duração. A questão que se pode abstrair dessa interpretação do filme por meio da filosofia desenvolvida por Bergson é a de que há uma explicação do que seria a viagem no tempo. A explicação seria a de que Evan é capaz de viajar no tempo, estando em seu corpo, porém só é capaz de retornar aos momentos em que já esteve e, sendo assim, a consciência que faz o papel de retornar no tempo, não estando sujeito ao espaço necessariamente, seria uma forma de se entender a diferença entre o tempo e o espaço, com o espaço sendo aquilo que nos separa da duração pura. “Constatamos que essa duração não é jamais percebida por nós em estado natural, jamais é percebida em si mesma, somente a percebemos através de um véu que se interpõe entre ela e nós. Esse véu é o espaço.” (BERGSON, 2022, p. 111). Ao que tudo indica, Evan é capaz de ver além deste véu, por meio do “dom” que foi transmitido de seu pai para ele.

A questão que se pode ser tomada para além da essência do tempo em que nos encontramos ao debater sobre o domínio da duração que o personagem principal é capaz de exercer sobre a realidade, é a de que o futuro parece ser um enigma a ser interpretado. Mumford tem uma visão mais aguçada com relação ao passado e ao futuro, e será por meio desta visão onde conseguiremos exercer um debate lógico com relação a essas duas temporalidades:

Parece uma ideia absurda dizer que pessoas no futuro estão esperando para o nascimento. Mas o passado não é exatamente o mesmo. Ele existiu. Foi presente. E, nesse sentido, deve ser considerado parte da totalidade da

¹⁴ *Questão de tempo* (2013) é outro filme de ficção científica que aborda a viagem no tempo, porém neste filme é mostrado que é por meio da genética dos homens da família que se torna possível a viagem no tempo, ao que tudo indica, *Efeito Borboleta* segue esta mesma linha de raciocínio.

realidade. Ser parte da realidade, mas não no presente, poderia então explicar nossa propriedade de passado¹⁵. (MUMFORD, 2012, p. 60).

Por meio desta linha de raciocínio, onde o passado já foi presente e teve a sua duração como parte constituinte do mundo, ao modo em que o presente se transforma em passado, ainda continua a constituir a realidade do momento. Essa é a forma de se interpretar as ações históricas que nos afetam e que podem moldar os costumes e ações que ocorrem no presente. Com base nisso, vemos que o filme segue essa ideia conceitual historicista em ver o passado como um alicerce para a continuidade da realidade. Mesmo que não haja possibilidade de se observar a forma pura dessa dicotomia que existe com relação ao passado e presente, é essencial que seja mencionado, pois nessa dicotomia se encontra aquilo que podemos tomar como um dos problemas centrais da viagem no tempo. O problema está no questionamento sobre como podemos compreender o futuro, pois o futuro é totalmente variável e é justificado em especulações. Enquanto passado e presente tem bases sólidas, porque podemos recordar em nossa mente o passado enquanto vivemos o presente, por meio da consciência e da epistemologia mais básica, onde do que já se entende e do que já se compreende como realidade, podemos delimitar a nossa realidade, no futuro não há essa possibilidade de ter uma continuidade porque ainda não vivemos.

O futuro, em essência, é fundamentado em suposições, mas as suposições seriam uma espécie de viagem no tempo? Há artigos de psicologia que buscam compreender essa articulação mental que ocorre em nossa consciência. Um exemplo seria a *Viagem mental através do tempo*, neste artigo de psicologia é explorado a forma como as pessoas utilizam a imaginação para simular uma viagem mental, ou seja, ao pensar sobre o futuro, estamos simulando uma viagem no tempo? O intuito do artigo está na relação de causa e efeito que ocorre ao imaginar essas “viagens temporais mentais”¹⁶. A causa e efeito estaria presente ao passo em que as decisões e emoções são afetadas pela imaginação, ou melhor dizendo, precipitação daquilo que ainda não ocorreu no físico, mas se toma como realidade na consciência.

¹⁵ There is a view, therefore, that treats the past and future differently. It's one thing to call absurd the idea of future people standing around waiting to be born. But the past is not quite the same. It did exist. It was present. And in this sense, it should be counted part of the totality of reality. Being a part of reality but not in the present could account for our property of pastness.

¹⁶ O termo viagem temporal mental é utilizado para explicar essa ideia de imaginar sobre o futuro, porém é totalmente diferente da viagem no tempo que ocorre no filme, pois não é só na imaginação, mas a consciência sendo capaz de retornar ao passado e alterá-lo, porém nunca foi dito que Evan consegue mover a consciência em direção ao futuro, pois ao passo em que ele faz a viagem temporal, sua consciência toma de base somente os momentos que já existissem em sua memória.

A MTT permite que os indivíduos imaginem cenários futuros e considerem as consequências de suas ações. Ao projetar-se mentalmente em um futuro hipotético, uma pessoa pode avaliar como suas decisões atuais podem levar a resultados específicos, estabelecendo assim uma relação de causa e efeito." (DIAS, 2012, p. 5).

Ao passo em que é revelado a relação do MTT¹⁷ e a forma com a qual somos afetados, é nítida a diferença entre os estudos de psicologia e o conceito de tempo desenvolvido por Bergson. Enquanto Bergson busca demonstrar que passado, presente e futuro não podem coexistir numa mesma realidade, pois caso acontecesse, haveria uma sobreposição espacial, sendo assim, só podemos compreender o tempo como uma duração contínua e um esforço da consciência. Os estudos de psicologia se divergem com relação ao modo com o qual compreendemos as duas temporalidades.

Em Bergson, o que pode ser tomado como ponto central, sendo assim, aquilo com o qual podemos nos firmar com relação ao tempo, está em afirmar que só existe o presente, mas o presente só existe enquanto constituinte de uma duração sem hiatos. A duração sem hiatos seria uma duração contínua, ou seja, não devemos nos focar em agarrar o presente, pois o presente é aquilo que pode ser compreendido como consciência vivia, uma eterna continuidade; “A realidade é primordialmente o que dura e o que dura é o que muda, mas o que muda de tal maneira que o momento anterior se prolongue no seguinte e que a transição de um a outro seja uma transição insensível.” (BERGSON, 2022, p. 173).

A transição que se apreende entre o filme e a filosofia do tempo de Bergson está em pensar sobre a forma com qual Evan observa a viagem temporal. Para ele, mesmo que consiga alterar o fluxo da realidade, há uma continuidade em sua mente, ou seja, na consciência do personagem, o tempo é contínuo. Isto se aplica às outras pessoas, pois mesmo que não lembrem dos outros “fluxos” que viveram, para eles a vida é contínua, mesmo quando Evan muda a linha temporal a cada vez que retorna aos lapsos de memória. Como dito anteriormente, os fluxos podem variar, pois não há só uma duração que seja “real”¹⁸.

Ao passo em que se compreende que a duração contínua ocorre até mesmo quando Evan viaja no tempo, entende-se que Bergson e o diretor do filme transmitem a mesma coisa, a duração é contínua, indiferente do que aconteça, ela é o montante de momentos ininterruptos. O problema que se mostra central com relação a esse argumento está presente

¹⁷ MTT, ou "Mental Time Travel" (Viagem Mental no Tempo), refere-se à capacidade cognitiva de se deslocar mentalmente para o passado ou para o futuro.

¹⁸ “Real” é utilizado aqui no sentido de estar presente na realidade, ou seja, de se fazer como pressuposto daquilo que chamamos de vida.

na comparação dos conceitos filosóficos presentes no livro *A ideia de tempo* que não são mencionados no filme. A relação que ocorre com o tempo em sua forma pura é delicada até mesmo para Bergson desenvolver, tanto é que ele chega ao limite e diz que devemos focar no conceito primeiramente, pois o conceito foi a forma com a qual utilizamos para desenvolver a discussão com relação à duração até o momento. “Dissemos que o conceito, o pensamento conceitual ao qual fomos conduzidos por nosso estudo da duração, pode ter duas formas, ou antes colocar-se sobre dois objetos diferentes, que são o indivíduo e o gênero.” (BERGSON, 2022, p. 169).

A questão do problema conceitual ao qual Bergson termina o livro diz respeito a tentativa da transformação da duração em algo imóvel, porém a linguagem impossibilita esta petrificação da duração;

O problema fundamental, o problema que serviu como ponto de partida é a questão do tempo; o que deu impulso à metafísica, provocou, por assim dizer, o seu nascimento, foram as dificuldades e contradições que parecem nascer da própria existência do tempo, da existência do devir, da existência do que chamamos de duração concreta. Eis o que colocou o problema.

De outro lado, não há dúvida de que, para resolvê-lo, tem havido, ao longo da história da filosofia, um esforço contínuo para substituir a duração, que é algo em movimento, qualquer coisa imóvel, que não muda. Essa coisa imóvel que substitui a mutabilidade do real é o conceito, a representação intelectual, aquela que é capaz de se prestar a um trabalho lógico, o conceito mais ou menos hipostasiado, mais ou menos projetado fora da mente. (BERGSON, 2022, p. 194).

Como a citação acima descreve, para Bergson a metafísica surgiu por meio da questão do tempo. Há uma contradição linguística na tentativa de petrificação do tempo, do torná-lo imóvel, pois, na sua essência a duração é o que dura, mas não quer dizer que necessariamente tenha que ser imóvel para durar. Percebe-se que Bergson em certo momento deixa de debater sobre o tempo e busca por meio da linguagem a afirmação do que foi desenvolvido até o momento, sem buscar a explicação do tempo primordial, porque para ele é impossível chegar a essa conclusão. O que nos possibilita retornar a este tema são os filmes. Com os filmes podemos ilustrar, mesmo que seja meramente um esboço, a forma primordial do tempo e a forma com a qual o tempo age perante o mundo e perante o ser humano.

Considerações finais

Neste trabalho foi desenvolvido a forma com a qual Bergson desenvolve sua filosofia com relação ao tempo e, concomitantemente a forma com a qual o tempo é retratado em filmes de ficção científica. Segundo o filósofo, o que podemos concluir é que a consciência está interligada ao tempo, mesmo que pareçam conceitos diferentes, a consciência e a duração do tempo que se é percebido pelo corpo são inseparáveis, pois a duração intermédia a consciência em decorrência da memória. O conceito que unifica a consciência e a duração por meio da memória, não abrange o tempo primordial¹⁹, porém o tempo primordial foi interpretado por meio do filme *Efeito Borboleta* (2004) como uma possibilidade do que podemos conceber como tempo primordial, ou melhor dizendo, o tempo no seu âmbito metafísico. Bergson não se propôs a discutir o tempo no âmbito metafísico por não ser capaz de desenvolver algo que está para além de seu entendimento. Com a afirmação de Bergson, foi estipulado ao longo do texto a possibilidade de idealizar uma nova perspectiva de como a temporariedade opera nos seres humanos.

Bergson incita na maior parte de sua bibliografia a questão da consciência e de como ela é responsável por todo o desenrolar da vida interior, desde a sua obra *Tempo e Livre Arbítrio: Um Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1993)²⁰, percebe-se que a busca por dissolver a ideia de que o tempo e o espaço são somente um conceito que não se diferenciam é o foco da discussão. Como dito nos capítulos anteriores, a filosofia buscou unificar os conceitos de tempo e espaço que, por sua vez, são distintos, já que a espacialidade presente no mundo é o meio pelo qual o tempo é capaz de interagir e não o condiciona. Está interação ocorre quando se observa a duração, entretanto os filósofos da época de Bergson consideravam o espaço e o tempo um conceito único. Bergson afirma que o tempo jamais poderá ser compreendido porque foi com o tempo que iniciou-se a metafísica, pois o tempo é em si metafísico, porém podemos compreender as relações que circulam o conceito de tempo, como por exemplo a duração.

“O problema fundamental, o problema que serviu como ponto de partida é a questão do tempo; o que deu impulso à metafísica, provocou, por assim dizer, o seu nascimento, foram as dificuldades e contradições que parecem nascer da própria existência do tempo, da existência do devir, da existência do que chamamos de duração concreta.” (BERGSON, 2022, p. 194).

¹⁹ O tempo primordial seria o tempo metafísico, sem a presença do espaço.

²⁰ Bergson discute nesta obra a natureza do tempo e do livre arbítrio, questionando a forma convencional de se observar o tempo como sendo estático e da liberdade como sendo uma livre escolha.

Para Bergson a duração se refere a qualidade, não a quantidade, pois não há quantidade quando falamos de duração, pois a duração em si é aquilo que dura. Ao passo em que nos aprofundamos nos conceitos do autor, percebe-se que nos distanciamos de uma possível tese para a viagem no tempo, pois Bergson não chega a desenvolver este conceito, tendo em vista que ele presume que não somos capazes de ver para além do véu da espacialidade. Porém, quando pensamos na discussão do tempo primordial, no que o autor não desenvolveu por afirmar que não seria capaz de discutir aquilo que está na metafísica, abre-se uma possibilidade de desenvolver a relação metafísica, que não está presente nos conceitos trabalhados até então, com outros conteúdos posteriores a sua obra. Como dito anteriormente, podemos fazer paralelos para debater a viagem no tempo e por meio deste modo de discutir o tema, foi elaborado o paralelo entre o filme e os conceitos trabalhados pelo filósofo.

Como afirmado no capítulo 2 que se refere ao *Efeito Borboleta* (2004) e ao tempo em Bergson, há uma divergência quanto à viagem no tempo quando abordada em filmes. Utilizando o conteúdo presente na cinematografia para desenvolver a viagem temporal, há um vasto conteúdo, entretanto, a filosofia trata o tema da viagem no tempo de uma forma mais complexa, pois há divergência quanto ao modo com que uma pessoa possa viajar no tempo, ou até mesmo o motivo pelo qual não encontramos nenhum viajante do tempo.

Há uma vasta interpretação sobre este tema, porém o foco deste trabalho se delimita ao conteúdo que foi desenvolvido pelos dois capítulos anteriores, onde percebe-se uma correlação que solidifica os conceitos de Bergson que são citados nos capítulo 1 com as cenas descritas do filme *Efeito Borboleta* (2004) no capítulo 2. A ideia de Lewis de que existam dois tempos coincide, tanto para Bergson que descreve o tempo interior e o tempo exterior, como também coincide com o enredo do filme, quando Evan é capaz de mudar a realidade, porém o tempo dele é diferente dos outros. O ponto central ao qual foi desenvolvido este texto se apresenta na junção entre a consciência e a nossa capacidade de reter a percepção de tempo.

A consciência é o que possibilita a distorção do tempo, pois o tempo, ou melhor dizendo, a duração que percebemos ocorre somente pela consciência. Se não fosse desse modo, todos veríamos a vida da mesma maneira, o que é improvável, pois nós conseguimos facilmente esquecer um dia comum de um dia ao qual ocorre uma mudança notável e importante em nossas vidas, a memória é a responsável por reter o tempo em questão. Mumford (2012) desenvolveu um conceito que engloba a consciência e a distorção do tempo que é relatada no filme, baseado no *presentismo*, que seria a ideia de que somente o presente é

real, sendo assim, solidificando a unificação de *Efeito Borboleta* (2004) com o conceito de tempo em Bergson. Bergson trata a duração como aquilo que dura, e para Evan, a vida dele é uma duração contínua, mesmo que ele altere a realidade, ele está preso no presente, ou melhor dizendo, na duração contínua de sua consciência. Juntando estes fatos com relação à duração ao qual Bergson desenvolve, que se baseia na ideia de que a memória é responsável por intermediar a forma como vemos a velocidade da duração e que é feita por meio da consciência, percebe-se o paralelo do filme com o conceito do filósofo. O filme nos apresenta uma visão de como ocorre a duração, do mesmo modo que se funde no *presentismo* de Mumford. Sendo assim, um viés para se enxergar a duração, seria o *presentismo*, que abrange até mesmo um viajante no tempo.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Anastácio Borges. “**Eternidade e Tempo No 'Timeu' De Platão.**” Logos e Tempo em Platão e No Platonismo Caderno Ideias. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. - Campinas: UNICAMP, 2004.

BERGSON, Henri. **A ideia de tempo: Curso no collége de France (1901-1902)**; Traduzido por Débora Morato Pinto. - São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BERGSON, Henri. **Tempo e Livre Arbítrio: Um Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência.** (M. A. Cappello, Trad.) [Trad. livre]. São Paulo: Edipro, 1993.

COELHO, J. G. **Ser del tiempo en Bergson**, Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.15, p.233-46, mar/ago 2004.

DIAS, Álvaro Machado. **Viagem mental através do tempo: revisão sistemática.** Revista Interamericana de Psicologia. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, v. 46, n. 3, p. 333-342, 2012.

DONNIE DARKO. Direção: Richard Kelly. Produção: Adam Fields - Nancy Juvonen - Sean McKittrick. Roteiro: Richard Kelly. Estados Unidos: Pandora Cinema - A Flower Films Production - Adam Fields Productions - Gaylord Films, 2001. (113m), son. color. Legendado. Português.

EFEITO BORBOLETA. Direção: Eric Bress J. Mackye Gruber. Produção: Anthony Rhulen - Chris Bender - Ashton Kutcher - J.C. Spink - A.J. Dix. Roteiro: Eric Bress J. Mackye Gruber. Estado Unidos: New Line Cinema - Europa Filmes, 2004. (113m), son. color. Legendado. Português

GONÇALVES, Carolina. **O paradoxo do navio de Teseu.** História e Economia, v. 30, p. 74-88, 2024.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

LAWLOR, Leonard e Valentine Moulard-Leonard. **Henri Bergson.** The Stanford Encyclopedia of Philosophy (edição de inverno de 2022), Edward N. Zalta e Uri Nodelman (eds.) Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2022/entries/bergson/>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

LEWIS, David. **The Paradoxes of time travel**. American Philosophical Quarterly, April 1976, pp. 145-152.

MUMFORD, Stephen. **Metaphysics: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2012. 1ª Ed. 113.

NASCIMENTO, Márcio. **Teoria da relatividade geral - cem anos de uma nova visão de mundo**. Bahia: Ano 9 Edição Quadrimestral, Novembro de 2017.

Por que é tão difícil pegar uma mosca? A resposta é mais interessante do que você pensa - BBC News Brasil, 25, set. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41310571>. Acesso em: 05 jul. 2024.

QUESTÃO DE TEMPO. Direção: Richard Curtis. Produção: Tim Bevan - Eric Fellner. Roteiro: Richard Curtis. Reino Unido: Universal Pictures, 2013. (123), son. color. Legendado. Português.

RICCARD, Paula Raile. **Por que é tão difícil matar uma mosca?** Não se sinta incompetente: a seleção natural forneceu à mosca um impressionante aparato de detecção e fuga, com que o sapiens é grande demais para lidar. Super Interessante, São Paulo, 12 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/bzzzzzz/por-que-e-tao-dificil-matar-uma-mosca/>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

RODRIGUES, P. C. **Introdução à filosofia de Bergson [online]**. São Paulo: Editora UNESP, 2022, p. 135.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Tempo: experiência e pensamento**. In Revista USP, no 81. São Paulo: USP, Edição março/maio de 2009.

TELL. **Os séculos caíram sobre mim**. Produção: JustDan Beats, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTVI84vfaIM>. Acesso em 16 de maio de 2025.

REEGEN, Jan Gerard Joseph ter. **O tempo na Filosofia Antiga e da Idade Média**. Kairós, Fortaleza, v. 11, p. 89–102, 2021. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/122>. Acesso em: 10 maio de 2025.

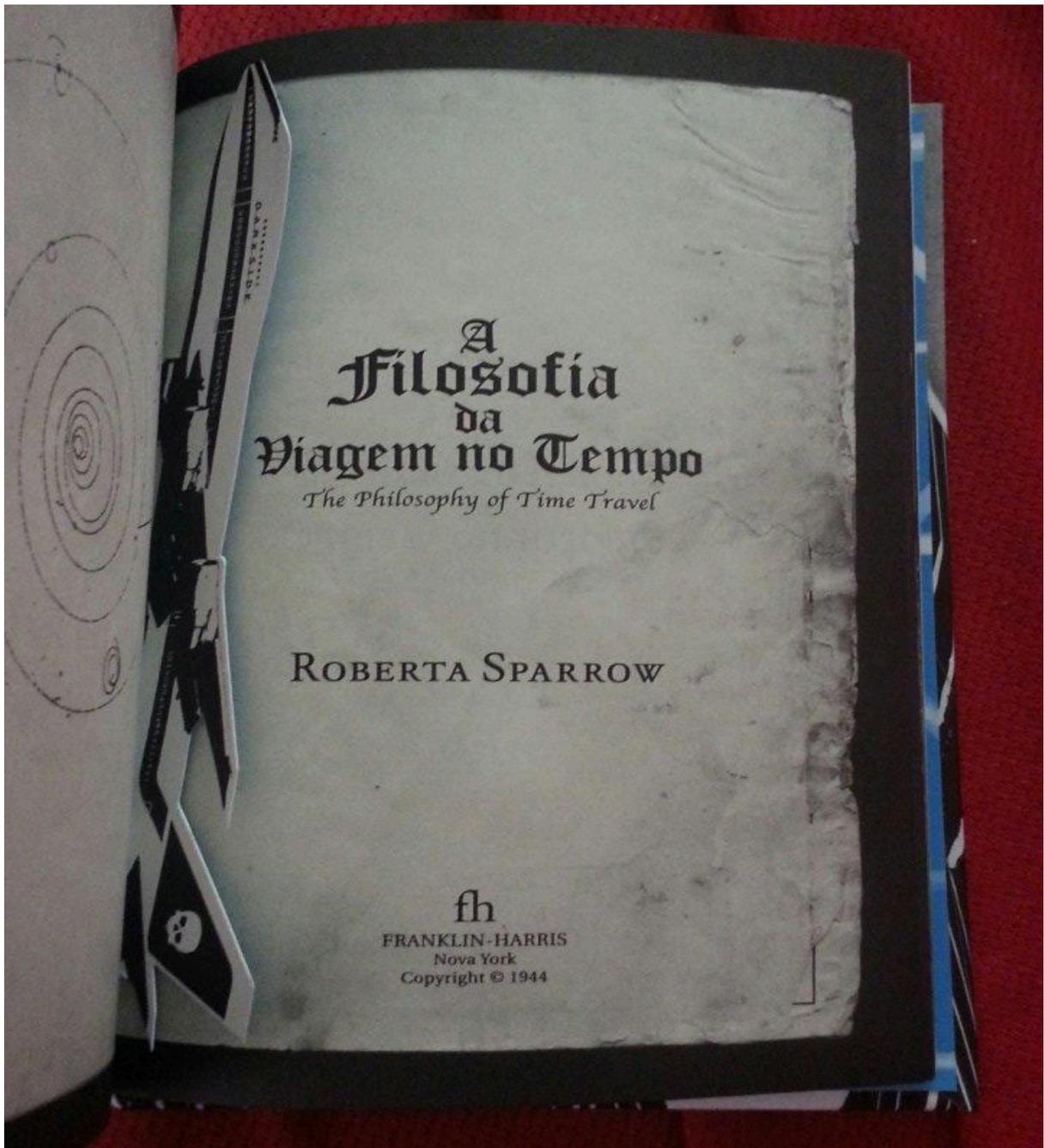
APÊNDICE

APÊNDICE:

As imagens presentes fazem parte do livro que é citado em *Donnie Darko* (2001), intitulado *A filosofia da viagem no tempo* de Roberta Sparrow, livro que fomentou a ideia principal deste trabalho de conclusão de curso com relação ao tempo. Neste livro é desenvolvido a forma com a qual uma pessoa é capaz de viajar no tempo, tendo como premissa a quarta dimensão do tempo. A viagem no tempo ocorre quando o tecido da quarta dimensão se corrompe, abrindo então o que é denominado de universo tangente, um paralelo entre as dimensões que dura poucas semanas, com o colapso do universo tangente gera-se um buraco negro dentro do universo primário, ocasionando a destruição de toda a existência.

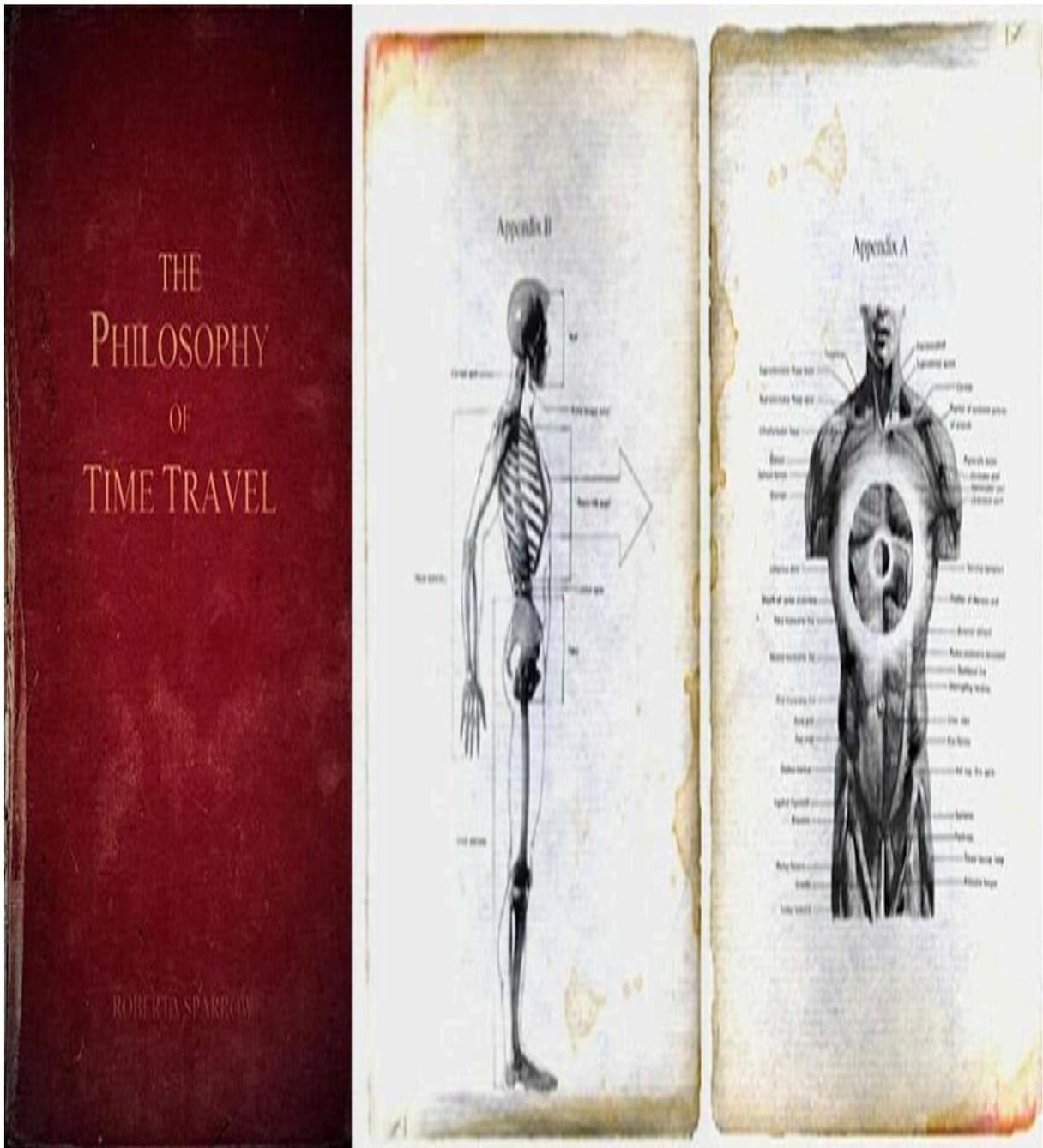
Ao longo do livro é desenvolvido os elementos necessários para se viajar no tempo, bem como a água e o metal que possibilitam a construção de portais temporários usados para a passagem entre universos no vórtice tangente. Também há a necessidade de um artefato que seja feito de metal e que tenha se originado do universo primário para que ocorra a viagem no tempo. Ao longo do livro é mostrado passo a passo como a viagem no tempo ocorre.

A utilização deste livro se faz por meio da possibilidade de compreender o tempo de outra forma, mesmo que hipotética. Há uma questão conceitual presente, a de que o tempo ainda é um tema bastante vasto, tanto na filosofia, como nas ciências e na cinematografia, sendo assim, é necessário se fazer considerações sobre o que está sendo desenvolvido sobre o tempo, não somente nas ciências, mas também na cultura popular e de como podemos reutilizar ideias que são distribuídas de forma fantasiosa para a filosofia e para a construção de teorias sólidas. As imagens a seguir mostram a forma com a qual a viagem no tempo foi demonstrada durante o filme e a forma com a qual são explicadas por meio do livro.



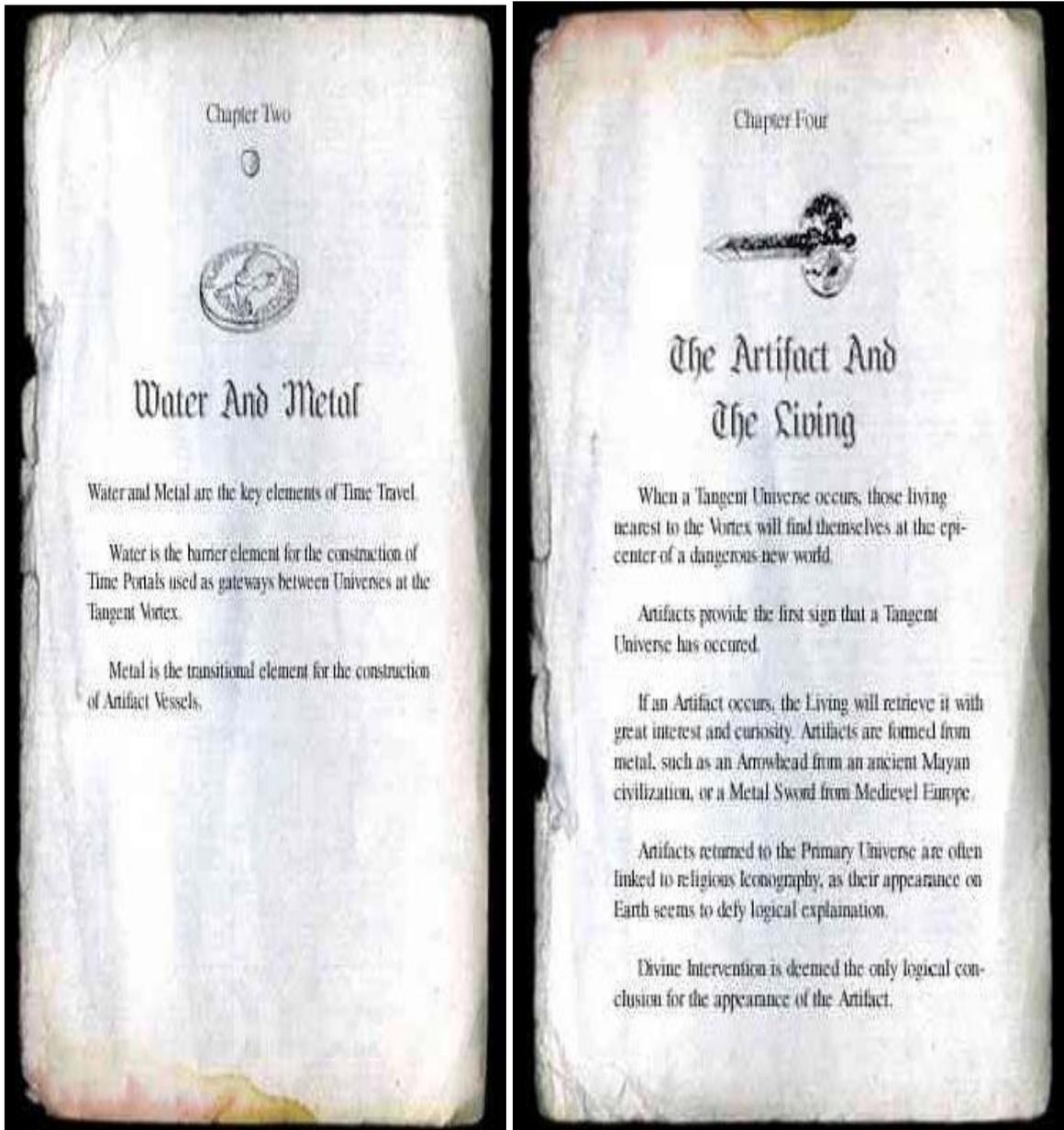
Fonte: <https://danycostacine.blogspot.com/2017/05/livros-donnie-darko.html>. Acesso em 19 de abril de 2025.

Capa do livro que é mencionado em *Donnie Darko* (2001). Este livro possibilita o personagem principal a viajar pelo tempo, como uma espécie de tutorial do que a pessoa precisa fazer para ter acesso à viagem temporal.



Fonte: <https://danycostacine.blogspot.com/2017/05/livros-donnie-darko.html>. Acesso em 19 de abril de 2025.

A imagem mostra a forma como a viagem no tempo ocorre fisicamente. No filme é mostrado que surge uma espécie de aura que somente a pessoa que está iniciando o processo da viagem temporal pode ver, uma espécie de gosma translúcido que antecipa o futuro, porém é visível somente para o personagem principal.



Fonte: <https://viajeroseneltiempo.es/pt/donnie-darko-la-filosofia-del-viaje-en-el-tiempo/>

Acesso em 19 de abril de 2025.

A imagem demonstra os requisitos necessários para concluir a viagem no tempo. O exemplo acima mostra que a água e o metal são os materiais utilizados para conduzir energia para a viagem no tempo. O artefato seria o meio ao qual toda viagem no tempo necessita para poder ser concluída.